Guimarãis, 9 de Dezembro de 1939

Ano I — N.º 36

Ressurgimento

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Emprêsa Editora Vimaranense

A' MARGEM

QUANDO NAQUELES TEMPOS, que tam próximos ainda estão e muitos já parecem esquecer, nós entramos, muito môço ainda, nas fileiras da vanguarda, proclamando bem alto o nosso programa, nunca pensaríamos sequer ver e assistir a muita cousa que até nós chegava já no elogio fúnebre dos mitos caídos. Julgávamos nós ver os campos definidos, os caracteres marcados, as mentalidades vincadas — por imposição, por inteligência, por cultura, pelo momento que se vivia.

JULGAVAMOS OS CAMPOS definidos. Horas difíceis de luta, entramos nela com alma, sacrificando tudo ao triunfo do Ideal que defendíamos. Muitos eram os inimigos mas a nossa vontade era mais forte, a fé na vitória grande. E não os temíamos; quantos mais, quanto mais difícil o momento que atravessávamos, tanto mais ardor combativo em nós nascia, mais alegremente suportávamos os sacrifícios, mais nobre achávamos a nossa vida — viver é lutar.

PENSAVAMOS NÓS ENTÃO, que, últimos crentes de falsos mitos, perante a realidade presente depusessem as suas almas — sem posses já para compreenderem a nova vida ressurgida — e subissem aos cemitérios em acto de contricção e voto de renúncia a tôda essa nova vida que já não era a sua e nem compreendia, nem fé nela tinha.

Ou, alheio às realidades, amarrado aos seus *fetiches*, deixar-se ir morrendo, mas sem incomodar os vizinhos e higièmicamente.

ISTO PARA AQUELES para quem a idade criara já tam fortes raízes no passado que os impedia, terminantemente, de virem até nós. Outros havia que nessas horas difíceis encontravam a sua estrada de damasco e até nós chegavam. Outros ainda esperavamos e não estranhavamos que viessem pois críamos — visto não terem tomado parte no passado — andarem enganados por falsos apóstolos.

O NOSSO INIMIGO era assim julgado por nós. E inimigos eramos, sim, mas nunca sentimos repulsa em pessoalmente acamaradarmos com alguns, estudantes como nós. Por-

A mocidade tem sempre razão

SOB um mar de braços levantados, lentamente, passa — ao som dum hino que foi voz de luta nas horas graves do sacrifício e hoje é cantar glorioso de vitória — a urna, levada aos ombros dos seus melhores companheiros, de José António Primo de Rivera. *Eu tinha um companheiro*... o melhor dos meus companheiros, jovem chefe, o primeiro dos momentos difíceis, o último na glorificação da vitória, e o cortejo passa, uma onda de saüdade paira, uma promessa de querer mais forte se faz — os mortos mandam.

Se te dizem que caí... mentira, fui para outro pôsto, continuarei convosco, na luta, no comando!

E, a caminho do Panteão Nacional, não vai um cortejo fúnebre, mas uma gloriosa marcha da vitória dum môço que oferecera a sua vida em holocausto da redenção de Espanha.

* * *

Cumpriu-se a promessa e anseio do hino da gente môça. *Regressaram bandeiras vitoriosas e voltou a raiar a Primavera,* mas foi o sangue môço o penhor dessa vitória, o primeiro a ser derramado pelo seu Ideal, que era sonho ainda.

Nesse amanhecer dramático da sua vida, a Falange lutava altiva contra a má fé e a indiferença — defendendo-se dos seus inimigos declarados e encobertos; contra os crimes dos comunistas, contra o egoísmo dos comodistas e contra o riso dos cépticos — e unida em grupo caminhava iluminada pela chama da sua Fé e o calor da sua paixão por Espanha. Eram poucos, então, mas eram os melhores.

E começou a luta...

Dá-se a vitória da chamada frente popular — Gil Robles combatendo a mocidade, perde-os e perde-se — e ainda não era passado um mês, sem culpas, era encarcerado José António. Advogado, num dia em que a si mesmo se defende, no Tribunal, vendo a podridão em que caíra a justiça — Juiz, advogados... — violentamente, como protesto, rasga a sua toga e atira-a ao Juiz dizendo que jamais tornaria a envergar essa vestimenta que tam deshonrada andava.

E' nesta altura que os seus companheiros preparam a sua fuga — mas inesperadamente resolvem mudá-lo para as prisões de Alicante. Parece que adivinhava ao dizer então: *Protesto, tiram-me daqui para matar-me.* E é ao som do «cara ao sol, com uma camisa nova, que tu bordaste a vermelho...», cantada pelos seus companheiros de prisão, que êle parte, serenamente, e vibrante grita, em despedida: — Arriba Espanha...!

. . . . . .

A 20 de Novembro de 1936 é assassinado em Alicante. O seu testamento, datado de 18 — *Condenado ontem à morte*... — é a sua mensagem à nova Espanha: o perdão para os culpados, de cristão, o abraço para os companheiros e a sua ordem de comando, de espanhol, — «oxalá fôra meu, o último sangue espanhol a verter-se em discórdias vis. Oxalá encontre a paz desejada o povo espanhol, tam rico em boas qualidades, para formar uma pátria com pão e justiça.

«Creio que nada mais é necessário dizer a respeito da minha vida pública. Quanto à minha próxima morte espero-a sem jactância, porque nunca é alegre morrer na minha idade, mas sem protesto. Aceite-a Deus Nosso Senhor no que ela tenha de sacrifício...»

E na manhã daquele Novembro em agonia, desceu à terra o corpo

(Continua na 3.ª página)

A' MARGEM

que pior do que êles, os que mais faziam revoltar a nossa mocidade, eram os comodistas, os indiferentes e os neutros.

Foi dêles a maior lição que recebemos — por oposição é claro — da sonoridade e colorido de tantas palavras que na realidade ou eram vazias de sentido ou encobriam propósitos e significados que não eram os que vinham nos dicionários ou os que os profetas falsos diziam ter.

E foram êsses caracteres amargos os melhores símbolos que encontramos para definir tanta cousa de que desconheciamos o seu verdadeiro significado.

E COMPREENDEMOS ENTÃO essas *lamechices*, pseudo-literárias, muito humanitaristas e muito réles, em prosa ou em verso, onde só a miséria é rainha, a fome é princesa, a desgraça a lei; dôr pela dôr alheia que não era dôr mas um meio para atingir ignóbeis fins — troçando da miséria, revoltando-a, para a tornar mais miserável ainda.

ESCREVIA-SE ISTO MAS não se sentia o que se escrevia — os autores encobertos, fugindo a responsabilidades e a incertezas, escondem-se, não aparecem.

E até têm muito dinheiro, mandam *pôr fora da porta* o pobre que lhe pede esmola e nunca fizeram cousa alguma que aliviasse os males alheios — e até, no fundo, têm interêsse que êles aumentem. E o pobre, o desgraçado, o faminto e miserável é que paga com a prisão, o destêrro, e a vida até, a ousadia...

LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE... — tôda uma teoria ôca, sem sentido. Os indiferentes fizeram-nos lembrar a ave que no espaço, — insensível a tudo, voa e perscruta o terreno onde com mais segurança pode arranjar de comer com fartura — e só desce quando a paz, e com que sacrifícios feita, voltou à onde vivia.

NEUTRALIDADE SIGNIFICAVA traição. Era a melhor maneira de irem fazendo a sua propaganda. Neutralidade política, nada de política, e bem sabiam que a estavam a fazer e a pior das políticas, a política niílista e comunista; neutralidade religiosa e faziam assim a propaganda dos sem Deus.

DA CIDADE

VIDA CATÓLICA

2.º Domingo do advento

Evangelho (Mat., XI, 2-10). — Como João, estando no cárcere, tivesse ouvido as obras de Cristo, enviando-lhe dois de seus discípulos, lhe fêz esta pregunta: «Tu és o que hás-de vir, ou é outro o que esperamos?» E, respondendo Jesus, lhes disse: «Ide contar a João o que ouvistes e vistes. Os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos alimpam-se, os surdos ouvem, os mortos ressurgem, aos pobres anuncia-se o Evangelho: e bemaventurado aquêle que não fôr escandalizado em mim». E, logo que êles se foram, começou Jesus a falar de João às gentes: «Que saístes vós a ver no deserto? Uma cana agitada do vento? Mas que saístes a ver? Um homem vestido de roupas delicadas? Bem vêdes que os que se vestem de roupas delicadas são os que assistem nos palácios dos reis. Mas que saíste a ver? Um Profeta? Sim vos digo eu, e ainda mais do que Profeta. Porque êste é aquêle de quem está escrito: Eis: envio o meu Anjo ante a tua face, o qual preparará o teu caminho diante de ti».

Homilia. — Estas palavras do Evangelho revelam-nos um dos mais extraordinários mistérios da Providência divina: João Baptista, o santo do deserto, o pregador e baptisador do Jordão, o Precursor e o amigo do Salvador, é perseguido, aprisionado e a cada momento poderá ser morto por causa da justiça!

Estudemos êste mistério tão cheio de lições consoladoras e edificantes.

Porque permite Deus que os justos sejam tão provados. Por muitas razões dignas da sua sabedoria, da sua bondade e do seu poder infinitos. Deus permite estas provas para esclarecer os homens, corrigi-los, convertê-los. Muitas vezes a prosperidade cega-nos, e faz-nos perder de vista o que nós sômos em relação a Deus.

Utilidade das provas e das tribulações. Iluminam a nossa inteligência, fazem-nos ver o nada das coisas do mundo, dos seus prazeres, da sua pretensa prosperidade; desligam dêle o nosso coração e acautelam-nos para nos não deixarmos prender pelos nossos verdadeiros inimigos.

Fornecem-nos a ocasião de praticar tôda a espécie de virtudes: humildade, paciência, abandôno à vontade de Deus, compaixão pelo próximo, perdão das injúrias, a caridade para com nossos inimigos.

Como se devem suportar. Com espírito de fé, olhando-as como vindas de Deus nosso Pai, sempre infinitamente sábio e bom, e não como tal ou tal criatura. E' fácil e suave aceitá-las nestas condições, não sòmente com paciência e resignação, mas ainda com reconhecimento, alegria e amor.

Voltar-se muitas vezes para Deus e pedir-lhe o seu auxílio; não procurar àvidamente as consolações ou os socorros humanos; pôr tôda a nossa confiança em Deus, o único que nos pode dar paz e alegria; perseverar na observância de todos os nossos deveres; continuar com coragem e constância a completar a obra de Deus, como fazia S. João Baptista, que esquecia os seus grilhões para se alegrar com os milagres de Jesus e enviar-lhe seus discípulos.

Meus irmãos, quando vós passardes pelas provas ou tribulaçõeo, *levate capita vestra*, pensai que são graças e visitas de Deus, meio de fazer penitência, de evitar o purgatório, de ganhar o céu....

Suportai-as com amor, em união com Nosso Senhor: *Si compatimur et conglorificabimur.*

Escolas Primárias

Não é nosso escôpo, ao tratar esta questão, proferir impropérios contra o analfabetismo ou desfiar louvores à função da Escola.

Tanto os anátemas como os hosanas estão demasiadamente gastos para que possamos tecer, à volta dêstes vélhos temas, novas imagens literárias. Troquemos todos estes devaneios pela visão real do problema da Escola no nosso concelho e imediatas possibilidades de solução.

Em primeiro lugar surge esta verdade: sem edifícios apropriados não pode haver ensino.

Ora segundo estatísticas ultimamente vindas a lume, e respigadas do processo da rêde escolar do país, em Guimarãis impõe-se a construção de 105 edifícios para conterem tôda a população escolar do nosso concelho.

Esta verdade demonstra bem alto que entre nós o problema dos edifícios escolares tem andado à margem das preocupações das nossas edilidades.

Edifícios construídos pelas entidades oficiais ou em poder do Estado há apenas 29.

Segundo o artigo 8.º da «Lei de Meios» no orçamento para 1940 será inscrita a verba necessária ao comêço da execução do plano da rêde escolar, que vier a ser aprovado, para ser aplicada em regime de comparticipação com os corpos administrativos ou outras entidades.

O próximo ano oferece, pois, ao nosso Município, ótimo ensejo para, secundando a iniciativa governamental, proporcionar a tôdas as crianças do nosso concelho os benefícios do abêcê.

Não é com palavras, mas com edifícios apropriados à sua função pedagógica que o Govêrno de Salazar vai encetar a campanha contra o analfabetismo.

Oxalá que o nosso Município, tendo em consideração o número deminuto de Escolas Primárias no nosso concelho, entre, mercê do franco regime de comparticipações que o Estado lhe oferece, numa fase activa de construções escolares.

X. X. X.

Visado pela Comissão de Censura

NOTICIÁRIO

Aniversários

Fizeram anos:

Dezembro, 4—D. Grácia Correia Leite de Almada Azenha.

Dia 5 — Alberto Costa e seu filhinho Miguel José.

Dia 8 — D. Maria da Conceição Flores, dr. Fernando de Matos Chaves, padre António Teixeira de Carvalho.

Fazem anos:

Dezembro, 13—Eleutério Ramos Martins Fernandes.

Dia 14—Francisco José Ribeiro.

Doente

Tem estado um pouco doente o nosso amigo e colaborador sr. Francisco Martins Aldão.

O nosso desejo de rápido restabelecimento.

Falecimento

Com 86 anos de idade, morreu, o sr. António Rodrigues Guimarãis, pai do sr. José Rodrigues Guimarãis.

O seu funeral que esteve muito concorrido, realizou-se na igreja paroquial de S. Martinho de Candoso.

Os nossos pêsames.

Desastre no trabalho

Na passada terça-feira, quando o operário da fábrica do Alto pertencente a João Ribeiro da Cunha, & Filhos, do Pevidém, de nome José Joaquim da Costa, pretendia lançar uma correia no tear em que trabalhava, esta apanhou-o tendo-lhe ocasionado gravíssimos ferimentos.

O infeliz, casado, de 23 anos de idade e morador na freguesia de Brito, foi trazido para o Hospital da Misericórdia onde pouco tempo depois morreu.

Não seria êste desastre provocado pelo casaco cujas abas fàcilmente são apanhadas pelas correias?!

Quer tivesse sido por isso, ou não, preguntamos: ¿não será já tempo de se usar nesses serviços o comodo fato macaco?

O «Problema da Habitação»

A cooperativa com êste nome, acaba de fazer a entrega solene da chave da casa que construiu para o associado sr. Carlos Pinto Teixeira, na rua n.º 8.

A cerimónia teve lugar no prédio inaugurado, no dia 1.º de Dezembro e foi presidida pelo sr. dr. António Emídio de Magalhãis, presidente da Assembleia Geral da cooperativa, secretariado pelos srs. dr. Rocha dos Santos e Joaquim de Azevedo.

Usaram da palavra os srs. dr. Emídio de Magalhãis dr. Martins Barbosa, dr. João Rocha dos Santos.

Depois de lido e assinado o auto de entrega, foi servido aos convidados um «Pôrto de honra» tendo brindado os srs.: dr. Emídio de Magalhãis, dr. Martins Barbasa, José de Oliveira Pinto, A. L. de Carvalho e António Faria Martins.

Ao sr. Carlos Teixeira, proprietário do novo prédio, os nossos parabens; ao arquitecto sr. José António Martins de Sequeira Braga as nossas felicitações por nos ter sabido apresentar, dentro do orçamento que lhe foi dado, um edifício moderno nas suas linhas, bonito no aspecto, confortável e higiénico no arranjo e disposição dos diferentes compartimentos.

Pelo Orfeão

E' no próximo dia 16 de Dezembro que êste agrupamento artístico fará, no Teatro de Martins Sarmento, a sua reaparição festiva.

Gostosamente damos esta notícia, ao mesmo tempo que desejamos que tôdas as dificuldades que sempre surgem quando da realização de qualquer espectáculo, sejam aplanadas. Tanto à ex.ma Direcção como aos distintos orfeonistas apresentamos êstes desejos e felicitações pela forma entusiástica com que têm trabalhado para essa festa.

De modo algum poderiamos deixar esquecido o trabalho insano do sr. Filinto Nina que é, para o agrupamento, uma dedicação quási providencial.

Exercendo a sua profissão de professor de música, no Pôrto, cá vem, às segundas e terças-feiras, ensaiar os briosos rapazes que comparecendo e fazendo por aperfeiçoar-se querem corresponder ao esfôrço desinteressado do seu regente.

Dizemos esfôrço desinteressado, só pelo lado material (pois que nada recebe pelo seu trabalho), mas cheio de interêsse espiritual, cheio de interêsse pelo bom êxito dos seus orfeonistas. E a causa disto quási que ùnicamente se poderá buscar no acentuado temperamento artístico que o anima.

De Filinto Nina se pode dizer, neste caso, que «trabalha por amor à Arte».

¡Que a festa seja um facto, é o nosso desejo, que ela será um novo triunfo é a nossa certeza!

Para a frente, rapazes!

AVISOS

Licenças

Nos termos do art. 12.º do Regulamento do Govêrno Civil do Distrito, de 25 de Novembro de 1935, todos os proprietários de hotéis, casas de hóspedes, pensões, restaurantes, cafés, pastelarias, cervejarias, tabernas, botequins, etc.. terão de requerer durante o corrente mês de Dezembro, as licenças de «porta aberta», para o ano de 1940.

Aos estranjeiros

Os estranjeiros residentes no concelho têm de apresentar os títulos de residência na Secção policial da Câmara, durante o mês de Janeiro, para lhes ser pôsto o respectivo visto.

—

Também os súbditos espanhóis terão de se munir, durante o mesmo mês, com o novo certificado de nacionalidade.

—

O sorteio organizado pela Associação Artística Vimaranense e que se devia efectuar no dia 9 de Dezembro, foi transferido para o dia 27 de Abril do ano próximo.

A' MARGEM

JULGAVAMOS NÓS, naqueles tempos ver os campos definidos, e enganámo-nos. Mas se formos pesquisar as origens destas confusões e *babeis* que de vez em quando surgem, não nos enganamos e podemos desde já categòricamente afirmá-lo: são os nossos inimigos de então que hoje se encontram rotulados de nacionalistas — e muitos até já pedem o adjectivo de *históricos*. E' que hoje já os campos se não encontram tam definidos como então; cheios de caracteres amorfos e mentalidades avariadas que a todo o momento desvirtuam as palavras, as obras e acções do Chefe e entravam a marcha da Revolução Nacional.

CORPORATIVISMO

Mas fixemos desde já êste ponto: a crise não é só económica de dinheiro, mas também espiritual e moral, encontrando-se mesmo aqui a sua raiz profunda.

Dizem os Santos Padres: «A sêde das inovações que há muito tempo se apoderou das sociedades e as têm numa agitação febril, devia tarde ou cêdo, passar das regiões da política para a esfera vizinha da economia social. Efectivamente os progressos incessantes da indústria, os novos caminhos em que entraram as artes, as alterações de relações entre os operários e os patrões...., a opinião emfim mais avantajada que os operários formam de si mesmos, e a sua união mais compacta, tudo isto sem falar da corrupção de costumes, deu em resultado final um temível conflito.

(Por tôda a parte os espíritos estão apreensivos e numa ansiedade expectante, o que só por si basta para mostrar quantos e quão graves interêsses estão em jôgo) *Rerum Novarum, ab initio.*

O século passado destruiu, sem substituir por cousa alguma, as corporações antigas, que eram para êles uma protecção; os princípios e sentimentos religiosos desapareceram das leis e das instituïções públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores isolados e sem defesa têm-se visto... entregues à mercê de senhores deshumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada. A usura... veio agravar o mal. Condenada pela Igreja... não tem deixado de ser praticada... por homens ávidos de ganância e de insaciável ambição. *R. Novarum.*

E' por isso que os operários suspendendo o trabalho por greves ameaçam a tranqüilidade pública; que os laços naturais da família afrouxam; que a promiscuïdade dos sexos etc., constitue um perigo para a moralidade; que os patrões esmagam os trabalhadores ou deshonram nêles a pessoa humana por condições iniquas e degradantes. *R. Novarum.*

(Continua no próximo número).

Preço da assinatura

Anual	24$00
Semestre	12$00
Trimestre	6$00
Avulso	$50

A Mocidade tem sempre razão

(Continuação da 1.ª página)

daquele que daí em diante ficou a ser na terra a sombra do Ausente, sempre presente.

* * *

Desde o dia 29 do mês passado que o corpo do herói se encontra no Escurial. Nesse dia publicou Mestre Aarão de Lacerda, no *Comércio do Pôrto, «a apoteose do herói — José António Primo de Rivera»*, escrito sentidamente à memória do mártir, e de que não nos esquivamos a transcrever alguns parágrafos.

«Pressinto a beetoveniana grandeza da apoteose que a Espanha de hoje presta ao *missionário* da sua revolução, naquele cenário histórico como é o do panteão imenso, e fortaleza da contra-reforma, a erguer-se da terra em linhas de um austero classicismo, no hemiciclo impressionante dos montes, que Velasquez, pintara nos seus quadros de soberanos e príncipes em heráldicas atitudes de domínio.

José António Primo de Rivera encarnou princípios redentores de emancipação que não foram nem são apenas queridos e defendidos pela Espanha actual, mas sim de todo o Ocidente, bem ameaçado ainda pela satânica, enganosa, ideologia asiática ou por aquelas correntes políticas, tolerantes na sua fraqueza ou na sua cobardia, para com o niïlismo eslavo, perseguidor da civilização latina. Filho do ditador Primo de Rivera, êle seguiu o caminho dêste precursor do nacionalismo espanhol, principiando por combater o desagregante liberalismo e «monstruoso dogma» da luta de classes proclamada pelos socialistas. Gritou bem alto à Espanha, removida pelas fôrças telúricas do extremismo marxistas, que moderasse o seu ímpeto iconoclasta para reconsiderar no sentido da nobre e da castiça tradição.

O povo andava transviado, errante de si mesmo.

A sua falange foi um prodígio espiritual de organização, com milhares de camaradas reünidos à sua volta e do punhado heróico do princípio da campanha. Ultimamente, êle já dizia: eu creio que está içada a bandeira; vamos defendê-la alegremente, poèticamente! Sim, ninguém comove mais os povos do que os poetas, e ai de quem não saiba levantar ante a poesia que destrói a poesia que promete. E proclamava em tenso anseio: num movimento poético levantaremos êste fervoroso desejo da Espanha... Nós nos sacrificaremos, nós renunciaremos!

Em certo discurso, José António recordava um verso romântico — Não quero o Paraíso, mas o descanso — para ardentemente comentar: sim o Paraíso não é o descanso, lá não se pode estar deitado mas de pé como os anjos. Nós queremos um Paraíso onde nunca se descanse e que tenha junto às jambas das suas portas anjos com espadas!....

José António, na sua ascese de herói, nas vigílias do cárcere, já se encontrava na ante-câmara dêsse Paraíso, para onde a morte o arrebatou em triunfante ascensão. Cumpriu *poèticamente* a sua missão histórica morrendo por uma Espanha maior, que foi na sua luta contra a mentira levantina o baluarte do Ocidente».

Naqueles primeiros tempos, difíceis e dolorosos da Espanha, era a voz da mocidade a única que se ouvia.

Os outros ou fingiam que não na ouviam, ou a atacavam, ou, até, cobardemente a abafavam. Mas o tempo veio-lhes dar razão — é a mocidade o penhor do Ideal de Vida, Deus sempre a protege — por isso ela tem sempre razão.

ANTÓNIO-LINO.

AGRADECIMENTO

A Comissão Promotora da homenagem ao ex.mo Presidente da Câmara, sr. dr. Rocha dos Santos, vem manifestar o seu muito reconhecimento a tôdas as pessas que contribuíram para o brilhantismo dessa homenagem, bem como à Imprensa que tam espontâneamente prestou a sua valiosa colaboração a essa manifestação de simpatia e apreço ao ilustre Vimanarense.

Esta Comissão fêz entrega à Casa dos Pobres da quantia de esc. 100$00 proveniente de 4 inscritos que não compareceram ao banquete realizado.

Guimarãis, 4 de Dezembro de 1939.

A Comissão Promotora.

«OCIDENTE»

Revista Portuguesa

Director: **Manuel Múrias**

Propietário e editor: **Alvaro Pinto**

Rua do Salitre, 155, 1.º — Lisboa

ASSINATURA

Com direito aos números extraordinários

Portugal — 6 meses 60$00	1 ano	115$00
Colónias Portugueaas	1 »	125$00
Brasil	1 »	120$00
Estrangeiro	1 »	£1-8-0

Nacionalizemos as colónias

Êste assunto é tam palpitante e vasto que nos deve merecer tôda a nossa dedicação.

Tem sido tratado em tantas conferências e outras obras de elevado valor, que parecerá demais trazê-lo à leitura por alguém de tam pouco fôlego?...

A fôrça não gera sem que o espírito a anime.

E' essa fôrça espiritual, que eu desejo engrandecer e, para isso, suponho que serei bastante forte, pois aquela transborda em mim.

A alma de Portugal ganha alentos para novos vôos — aos portugueses incumbe a tarefa —.

As colónias já não servem para os degredados — são a felicidade para aquêles que as procuram —.

Meditemos, por algum tempo, sôbre êste desejo para que pretendo chamar a atenção.

— Sugerem-se meios práticos de conduzir a colonização dessas terras longínquas, que nos serviram outrora para emmoldurar de oiro as páginas mais gloriosas da nossa História.

Cientistas coloniais dedicam-se ao estudo das imensas riquezas ainda virgens; estudam a afixação do povo português; estudam a psicologia indígena e a sua educação; estudam a fauna e a flora e, finalmente, estudam as condições económicas e administrativas. Mas não temos uma vontade dominadora e persistente que leve o Povo Português a inteirar-se destas verdades:

— E' preciso ter-se presente que, se as não colonizasmos com portugueses, veremos o nosso esfôrço, de tantos séculos, perdido.

— Transportemos para as colónias o excedente da nossa população e teremos a certeza de que êsse exército será bastante para a sua defesa, conservação e progresso.

Como se verifica não trago novidades, mas mais um esfôrço para a causa que é, necessàriamente vital, para a Pátria.

E' preciso que não sejamos vaidosos com o passado, mas antes na preparação do futuro.

Recordar para continuar, será para melhor o nosso lema de hoje.

Tenhamos sempre presente que o Futuro está nas nossas Colónias.

E, já que o Português revela excelentes qualidades para a Colonização, não o deixemos partir para as terras que não nos pertencem.

Nacionalizemos, para Portugal, as terras que nos foram ligadas com tanto sacrifício e com tamanha glória.

Sejamos Portugueses, sem desfalicimento, por Portugal, continuando a dar o nosso esfôrço pelo bem da Humanidade.

Vizela, 1939

VASCONCELOS.

Lêde e propagai

"Ressurgimento"

O C. A. D. C.

Teve foros de acontecimento nacional a inauguração do novo edifício do Centro Académico de Democracia Cristã, de Coimbra, mais conhecida no país pelas suas iniciais: C. A. D. C. E com razão.

Pode bem afirmar-se que o C. A. D. C. foi o primeiro baluarte do nacionalismo português dos nossos tempos. Foi ali que principiou a luta contra a desnacionalização de Portugal, contra os estranjeiros de dentro e contra as nefastas influências do liberalismo, do materialismo e de tantos outros ismos perniciosos.

Do C. A. D. C., associação de estudantes da Universidade de Coimbra, fundada em 1901 num pobre quarto de estudante, partiu aquela cruzada de recristianização que tantos e tam assinalados progressos tem feito para que Portugal volte a ser verdadeiramente a *nação fidelíssima* e reate com orgulho o fio partido das suas gloriosas tradições de país cristão e missionário.

Nem será exagero atribuir ao C. A. D. C. a maior contribuição para o estado actual do nosso país, não só no campo religioso e social mas também no político e económico. O C. D. A. C. foi uma verdadeira escola onde as doutrinas da igreja foram expostas com firmeza e abraçadas com calor e entusiasmo pelos melhores valores das gerações que desde a sua fundação foram passando por Coimbra.

«Não admira, portanto», no dizer dum dos ilustres oradores da sessão solene, «que o Portugal de agora, admirado e respeitado por todo o mundo, tenha nos cimos da hierarquia, revestido da púrpura cardinalícia, um antigo sócio do C. A. D. C. A sua personalidade e a sua doutrinação chamam sôbre si, sôbre Portugal e sôbre a própria igreja a admiração dos meios cultos internacionais.

Como não é de surpreender que o grande estadista, já hoje de nome universal, chefe da *nova ordem portuguesa*, seja um daqueles que a esta obra deram o melhor da sua actividade e da sua inteligência.

Numa hora em que o nacionalismo português se podia desviar da sua tradição, foi êle que lhe soube traçar as directrizes e definir os fundamentos doutrinários.

* * *

As festas inaugurais começaram com o Santo Sacrifício da Missa, celebrada às 9,30 na Sé Nova por Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, antigo sócio do C. A. D. C. Na Capela-mor tomaram lugar as autoridades, grande número de lentes e de antigos sócios. Assistiram também Suas Ex.as Rev.mas os Srs. Bispos de Coimbra, Porto, Vila Real, Lamego, Beja e Vatarba. O Sr. Bispo do Pôrto subiu ao púlpito, ao evangelho e falou com muito entusiasmo e sentimento sôbre as benemerências do C. A. D. C. e sôbre as esperanças que nela se depositam.

* * *

A parte mais importante de todos os actos foi o da comunhão dos estudantes. Com a maior ordem, recolhimento e fervor aproximaram-se da sagrada mesa algumas centenas de escolares que enchiam o corpo da igreja e receberam, durante meia hora, a sagrada eucarestia das mãos do Sr. Cardial Patriarca e do Sr. Bispo de Coimbra. Cerimónia simples mas altamente comovedora! A mocidade de Portugal, conscia das suas responsabilidades, prepara-se devidamente para os enfrentar alimentando-se com o *pão dos fortes*.

* * *

A's 15,30 efectuou-se no salão do ginásio do C. A. D. C. uma solene sessão presidida também por Sua Eminência com a presença dos Ex.mos Prelados acima referidos e também o Sr. Bispo de Leiria. Produziram magníficas orações o actual presidente do C. A. D. C., José Sebastião Silva Dias, dr. Alberto Diniz da Fonseca cujo discurso foi lido pelo sobrinho dr. Carlos Diniz da Fonseca, dr. João Porto e dr. Manuel Abranches Martins. O sr. Conselheiro Fernando de Sousa proferiu também algumas palavras congratulando-se com os progressos do C. A. D. C. e apresentando um donativo de mil escudos, que uma pessoa que desejava manter o anonimato o encarregara de levar. O vélho e insigne batalhador da causa católica foi calorosamente aplaudido. Depois do Sr. Bispo-Conde ter agradecido a todos aquêles que o tinham auxiliado naquela obra, o Sr. Cardial Patriarca encerrou a sessão com palavras de jubiloso entusiasmo pela obra realizada no C. A. D. C. e de calorosa exortação à mocidade católica de Portugal, perante a qual, declarou, os bispos portugueses se levantaram.

Enchiam a sala as pessoas da melhor sociedade coimbrã, vendo-se entre elas muitos professores universitários. Como a sala fôsse insuficiente para conter todos os que pretendiam assisiir à sessão, muitas pessoas enchiam os corredores e ainda as salas próximas e até as escadas.

Enviaram telegramas entre muitos outros o Sr. Presidente do Conselho, Dr. António de Oliveira Salazar e Dr. Mário de Figueiredo, deputado e antigo ministro da Justiça, ambos sócios do C. A. D. C.

* * *

A' noite reüniram-se em jantar de confraternização os antigos e novos sócios. O banquete que foi presidido pelo Sr. Cardial Patriarca realizou-se também no salão do ginmásio do C. A. D. C. Reinou a maior alegria e fizeram-se muitos brindes, nos quais se focava sempre qualquer nota inédita da vida do C. A. D. C.

O jantar que começou perto das dez horas, terminou pouco depois da meia noite, encerrando o Sr. Cardeal Patriarca a série de brindes.

MAIS VALE PREVENIR . . .

Depois de um bem estar, ou privilégio, se conseguir à custa de muitos sacrifícios congregados; depois de na luta se esgotarem energias para se conseguir uma finalidade prevista; ou quando a acção vigorosa e inteligente de alguns deu regalias e proporcionou o bem estar a muitos, chega-se freqüentemente a esquecer todos os sacrifícios feitos, os desgostos sofridos, o combate travado, a acção dispendida.

E, quem muitas vezes mais se esquece, entregando-se perigosamente a uma vida ociosa — como se o progresso estacionasse e as necessidades a atender fôssem de número reduzido e de satisfação fácil e única — são aquêles que conquistaram méritos, que marcaram destemidamente o lugar na campanha, que alcançaram direito a regalias particulares, porque delas se esqueciam, quando só pensavam no bem comum.

Será imoral? será interesseiro? será monopólio? ascender a lugares de supremacia e comando, quando é certo que se soube servir e na luta se procurou a mística e educação que tais lugares exigem?

Não! Imoral, interesseiro, pouco escrupuloso, é quererem êsses lugares determinados seres que um dia, encontrando as portas abertas entraram. quási sem se anunciar, ou que, galgando determinada lei biológica passaram do ôvo para o estado de insecto perfeito, sem terem sofrido sequer adaptação de crisálida.

Portanto, a nós que «temos uma doutrina», porque nos catequisamos; que «somos uma fôrça» porque a buscamos em tantas e tantas horas de incerteza, em muitos combates renhidos em que por todos os lados só o inimigo se encontrava — quási a parecer-nos que não tinhamos correligionários — está-nos indicado não deixar esquecer que o parar não é só fazer estacionar uma causa, mas é, principalmente, fazê-la retrogradar em dinamismo, perder em distância, amortecer em entusiasmo.

Se nos lembrássemos de que não basta possuir um bem mas que é necessário dar-lhe condições de vida, para se conseguir assim uma maior continuidade e segurança da sua posse, naturalmente se não estacionaria.

Se nos lembrassemos de que quando paramos o inimigo avança e ganha posições, o nosso combate seria vigoroso ainda e sem tréguas.

Infelizmente estamos agora a atravessar um dêsses períodos em que a acção deu lugar à ociosidade e o tempo é preenchido pela crítica, pela má língua, por aquilo que de nada serve, pois que substitue tôdas as realizações e contribue ainda para o alastramento da desagregação de partes preciosas para o todo pretendido.

Em muitos casos, a tal crítica aparece já não digo para castigar determinados homens, mas para bajular hipòcritamente uns e preparar o acesso de outros cuja competência e garantias políticas e morais não são o reclamo seguro suficiente.

E que pena causa ver tantos e tantos a acotovelarem-se em busca de estrados que nunca mereceram, calcando até amizades, ferindo — o que é pior — o interêsse colectivo!

Isto é ferir a Revolução! E se se não estorva de mais, é porque ela tem um Chefe; mas pelo menos sempre se lhe ofusca um pouco o maior brilho que ainda poderia tomar.

Temos quem mande, porque sabe mandar, obedecendo, porém, a uma orgânica sólida nas suas bases e norteada pelos exemplos dos nossos avós, considerando também a magnificência da verdade e justiça, a marcha dum progresso comedido e cristão, interêsses sagrados de Portugal.

O que ainda existe em pequena quantidade, é quem nobremente saiba obedecer.

E se bem que dito e redito, mais uma vez queremos afirmar que a mentalidade social dos portugueses sofreu, desde o fim do século XVIII até ao princípio do XX, desvios tam acentuados, que ainda hoje, em Portugal, no Estado Novo, apesar do vélho mundo sangrar dolorosamente duma ferida que não sabemos quando cicatrizará, se prejudica a união dos bons portugueses e se gastam para aí horas e energias em questiúnculas e atitudes de nenhuma utilidade nacional, ùnicamente para se render homenagem à ambição, à vaidade, aos mesquinhos caprichos.

Gera-se a confusão, desta nasce a discussão e a dúvida, daqui os «*partidinhos*», a seguir a desordem.

E depois, se o cuidado nos não apoqüenta, para que tudo se normalize, já será preciso operar novos prodígios! Ainda assim não sei se a esperança, uma das causas eficassíssimas da realização, aparecerá, forte, a contribuir com o seu auxílio.

E' princípio vélho, mas sempre duma actualidade flagrante: «mais vale prevenir que remediar».

A paz que em Portugal hoje se goza, custou muitos sacrifícios, não a deixemos tolher pelos que à sombra dela querem sem direito, receber os primeiros benefícios, atropelando os que já estavam.

Só assim acontece *ab incuria nostra*.

António Sílvio Olavo A.

Considerações à volta das Festas Centenárias

Se visionarmos o quadro de apoteóse que emmoldurará o Castelo de Guimarãis no ano próximo, para inauguração das Comemorações do Centenário da Fundação de Portugal, acendem-se, ao calor desta reconstituição, nos nossos corações, faúlhas de patriotismo que, nesse dia solene, se transformarão em labaredas de entusiasmo, glorificadoras de 8 seculos de História Portuguesa.

O ecoar das ondas de exaltação nacionalista que daquele mar humano fluïrão de encontro às vélhas muralhas, repercutir-se-á não só em todo o Império mas também por todos os recantos do mundo onde lateje um coração lusíada.

Coada através das ameias do Castelo, a voz de Salazar evocará o espírito criador do génio português.

Emquanto ao alto dêste quadro sobressaïrão os insignes representantes de Portugal, ao fundo, porém, em mole compacta estará o povo vimaranense como representante da massa anónima de guerreiros, agricultores e artífices que, ao longo dos séculos, na defesa do solo, no amanho da terra, no trabalho da oficina construíram o Império, hoje reintegrado nas suas directrizes históricas, graças a Salazar.

O colorido, a expressão, a beleza dêste quadro depende, sem dúvida, da nossa operosidade e, principalmente do grau de compreensão do seu significado.

Teremos todos nós, dirigentes e dirigidos, manifestado em uma cooperação de esforços, sem intermitências nem pausas, numa associação de vontades, franca e leal, o carinho, o desvêlo por tam grandiosa comemoração?

Teremos todos nós, em volta desta idea sagrada, como é a da Pátria, criado um ambiente de concórdia, de união, de serenidade, condições propícias a um trabalho fecundo?

Deixemos suspensas as interrogações para afirmarmos bem alto que, em face das Comemorações Centenárias, apenas pode haver uma atitude: aquela que é ditada pela nossa consciência de portugueses.

H. A.